

É A CIÊNCIA ARTÍSTICA OU A ARTE É CIENTÍFICA?

Pérola Cunha Bastos¹

RESUMO: A partir do fruto de um trabalho de extensão (e pesquisa), cujo fim é formar contadores de histórias em Língua Estrangeira (LE), projeto em andamento na cidade de Alagoinhas-Ba. UNEB-Campus II. Tendo escolhido o subtema: diálogo entre ciência e arte, busco discutir dos tantos diálogos possíveis contidos nessa ceára, a arte de contar histórias como meio de ensinar LE, aproximar culturas, como também motivar os partícipes do processo; inserir a literatura como prática social e na física, mais especificamente, busco confrontar os conceitos reflexão e refração da ótica com a literatura. Porque contar histórias, por várias razões, segundo Cléo Busatto (2003), é também para encantar e sensibilizar ouvintes, estimular o imaginário, tocar o coração, “alimentar” o espírito e formar leitores. A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido seja escrito, sonoro, gesto, imagem, acontecimento. Em face disso, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo (Freire), dar sentido a ele e a nós próprios. O objetivo principal desde trabalho é mostrar que é possível o trânsito conceitual entre o que tomaremos nesse contexto como ciência: a física, e como artes: a literatura e contação de histórias. E por que contar histórias em uma segunda língua? não é somente um momento lúdico, mas, reconhecidamente também, um recurso didático, uma vez que mediado pela literatura, envolve habilidades comunicativas de importante domínio no aprendizado de LE a compreensão oral, a leitura inclusive a não verbal, entendendo-se assim como semiótica. Reconhecendo a ação de contar histórias como gregária de elementos comunicantes que transitam, desde os recursos didáticos a, muito além, das ações envolvidas no ensino de uma língua. Nesse cenário, encontramos espaço para pensar a literatura como veículo de elementos culturais e de formação do ser que habita o leitor, e por que não dizer, o contador, já que ninguém sai impune do contato com uma obra. Reconhecer o outro, nos personagens, seres provindos de outras culturas e contextos, além de considerações acerca da relevância da literatura como expressão cultural como arte no ensino de LE como ciência. Discutiremos que, tanto a arte pode parecer científica, como a ciência pode ser artística.

Palavras-chave: Ensino de Língua Estrangeira; Contação de histórias; Literatura.

ABSTRACT: As a result of a course offered as a researching project at Uneb – Campus II in Alagoinhas (Bahia), which objective is to form people story-telling, this article aims to discuss - based upon the sub-theme of dialogue between science and art - the art of story-telling as a means of teaching a foreign language (FL), making cultures closer, as well as making participants motivated throughout the process; we will deal with literature as a social practice and with physics, more specifically, with the concepts of reflection and optical refraction. According to Cléo Busatto (2003), one tells stories for various reasons: to delight and sensitize the listeners, to encourage imagination, to touch the heart, to “feed” the spirit and to educate readers. Reading happens out of the dialogue between the reader and the object being read. Through written language, sounds, gestures, images or events. Given this, learning to read also means learning to read the world (Freire), giving meaning to the world and to ourselves. The main objective of this article is to show that the conceptual transit between what we will consider in this context as science: physics, and as art: literature and story-telling is feasible. And why does one tell stories in a second language? Not only is it a ludic moment, but it is also recognizedly a pedagogical resource, since it is used through literature, and it involves important communicative skills in language learning such as listening comprehension, reading, including non-verbal one, which can be therefore understood as semiotics. Thus, the act of story- telling involves communicative elements that are present in pedagogical resources and that go beyond the pedagogical procedures followed in language teaching. Within this scene, there is a space to think of literature as a vehicle of cultural elements and of formation of the being that inhabits the reader, or possibly the story-teller, as no one is impune having had contact with a written text work. Further to this, one may be able to recognize the other in the characters of a story, who comes from different cultures and contexts, and it may be able to reflect about the relevance of literature as a cultural expression of art in the

¹ Professora do Curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas do Departamento de Educação (DEDC II) da Universidade do Estado da Bahia, campus da cidade de Alagoinhas.

teaching of a FL as a science. A discussion on art and science will be held; art can appear to be scientific, just as science can seem to be artistic.

Key-words: foreign language teaching. story-telling. literature as a social practice.

Introdução

A partir do fruto do trabalho de extensão (e pesquisa), cujo fim é formar contadores de histórias em Língua Estrangeira (LE), o projeto “QUEM CONTA UM CONTO ENRIQUECE SUA FORMAÇÃO” parceria com a coordenadora do PROLER Prof^a Angela Damaceno realizado na cidade de Alagoinhas-Ba na UNEB-Campus II. Tendo sido escolhido o subtema: diálogo entre ciência e arte, busco discutir dos tantos diálogos possíveis contidos nessa ceára, a arte de contar histórias como mais um meio de: ensinar língua Estrangeira (LE); aproximar culturas; como também, motivar os partícipes do processo; inserir a literatura como prática social em sala de aula; exercitar as habilidades da oralidade, leitura, aprendizado do vocabulário, compreensão auditiva, e demais possibilidades ao ensino. Numa arriscada manobra interdisciplinar, visito a física, mais especificamente, os conceitos reflexão e refração da ótica e os lanço o contra-ponto com a literatura, numa tentativa de fazer arte com essas ciências. Considerando a literatura aqui a partir da contação de histórias. Porque contar histórias, por várias razões, segundo Cléo Busatto (2003), é também para encantar e sensibilizar ouvintes, estimular o imaginário, tocar o coração, “alimentar” o espírito e formar leitores. A leitura, não podemos deixar passar, é tratada aqui com o respeito e importância que merece, visto que ela se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido seja escrito, sonoro, gesto, imagem, acontecimento. Em face disso, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo (Freire), dar sentido a ele e a nós próprios. O objetivo principal desde trabalho é mostrar que é possível o trânsito conceitual entre o que tomaremos nesse contexto como ciência: a física, e como artes: a literatura na forma de contação de histórias.

Ciência e arte – quem é a (re)criação de quem?

Pensar sobre arte e ciência é algo muito instigante, diga de lá a filosofia, visto que acredito não existir uma sem a outra. Dentre tantos subtemas possíveis, fui capturada

pelo 'diálogo entre a arte de e a ciência'. Refletir sobre isso me atirou em muitas ciladas. Comecei pensando em arte como criação essencialmente, contudo sem a criatividade a ciência não vai a lugar algum. "Esse menino tem é arte"! , quem nunca ouviu isso?, é a própria evidência de que não vivemos sem ela, a arte. E sem a ciência? Vivemos? . Então, pensei: ciência e arte, quem cria ou (re)cria quem?. Na verdade, a serviço do homem a criatividade é o seu meio de sobrevivência, desde tenra idade. Posto que, com o tempo que lhe sobra, a criança, o menino que citei acima, vai em busca de desafios diante do que tem ali como ocupação. Ele está fazendo arte, por que está experimentando, tentando algo novo! Meu filho tenta 'ligar', introduzindo nas tomadas, tudo que lhe pareça como *plug*²ou tomada. Sem noção alguma, está fazendo arte e ciência. Arte por estar criando meios de materializar uma idéia, ao tempo que, ciência por estar experimentando meios – algo que sirva-lhe de tomada, ou tenha a mesma função . Uma das ciladas em que me encontrei: fica o sentimento que a ciência é a arte com critérios. Me deparei com a questão: na arte não há critérios?. Percebo, que não é bem assim. Estamos cientes de que o elemento criativo está presente na vida humana em inúmeras circunstâncias, não é privilégio do artista nem do artístico. Para fazer ciência é necessário experimentar, logo, me vejo de frente com o elemento criativo na esfera científica.

A necessidade de aprofundar conhecimentos estava posta, enveredamos em conceitos, a fim de experimentar criativamente deles, mas sem perder de vista a coerência analítica. Estávamos já em terreno interdisciplinar. Deixei-me encantar com o mundo de interrogações que se multiplicavam a minha frente.

Propomos-nos a fazer uma reflexão interdisciplinar, por entender ser necessário avançar fronteiras postas, contudo frágeis ao corpulento volume das questões despertadas, pra mim; recém despertadas. Contudo, a filosofia já se ocupou delas com muita profundidade. Vamos ao mergulho nessas profundezas, visto que coordeno um projeto de extensão de formadores de contadores de histórias em língua Estrangeira, e pensando em ciência como busca da verdade, admitimos com Nietzsche³ que, "a verdade é estabelecida, uma convenção e, portanto, não existe em si. No processo de estabelecimento de convenções existem relações de força, de poder, principalmente no

2 Empréstimo lingüístico que significa tomada.

3 <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=3734&op=all> em 15.06.09

âmbito moral, que estabelecem valores". Portanto, os critérios científicos são tão flexíveis como, não costumávamos pensar. E dentro dessa flexibilidade atua a criatividade. "A racionalidade científica limita a aplicação da ciência aos fatos ou fenômenos científicos" como coloca Nietzsche, em Assim falou Zaratustra obra que marca o ápice do processo de concepção da ciência natural e da arte entendidas como atividades humanas de interpretação e simbolização. Portanto, não como fonte de verdades estáveis. Continua o filósofo, tanto a ciência quanto a arte são atividades simbólicas, sob o ponto de vista dessa produção de modelos. No entanto, a ciência se baseia em certos pressupostos, como: objetividade, demonstrabilidade, rigor lógico. Já a arte é fundamentalmente representação. Recomenda que a ciência assimile da arte a sua liberdade de interpretação. Trazendo para o nosso ambiente, podemos vislumbrar, então, que uma mesma estória pode ser contada de infinitas formas diferentes. Tudo está ligado à capacidade criativa do contador. Na arte, a possibilidade de interpretação é muito grande, e essa riqueza de modelos que ele considera interessante que a ciência absorva.

Nietzsche⁴ "apresenta a idéia do eterno retornar de todas as coisas, como posicionamento artístico-científico, enquanto forma de oposição à teleologia metafísica". É por esse mesmo motivo que, então convicto das infinitas possibilidades de interpretação da existência, retoma a figura do profeta Zaratustra; para ele "o primeiro a interpretar o universo a partir da restritiva dicotomia entre bem e mal e, portanto, como aquele que poderia revê-la." E ainda, levanta que a ciência apresenta modelos, visto que foi tornada humana, para interpretar o real. Daí a possibilidade de se tornar arte, ou dela se aproximar. Nietzsche⁵ também se considera um cientista, um homem na busca pelo saber, embora acredite que para isso é necessária uma "desmoralização" da ciência no sentido mais amplo da palavra, visando livrá-la de impedimentos morais que historicamente barraram o seu claro entendimento e progresso. Ele parte então, da tentativa de tornar a ciência minimamente neutra, de forma que consiga obter certa imparcialidade moral naquilo que pesquisa. No entanto, ele reconhece que é impossível realizar plenamente esse objetivo, já que por trás de seu aparato técnico, lógico, metodológico e conceptual existe sempre o homem, com suas crenças, formas de avaliação e vontade de poder.

4 <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=3734&op=all> em 15.06.09

5 <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=3734&op=all> em 15.06.09

Literatura como prática social e o ensino de LE

O conceito de literatura está aqui relacionado às práticas discursivas presente nas relações interlocuções e interações humanas. Mais explicitamente, estamos falando da Literatura como arte, prática social: "Assim, ao discutirmos a leitura como prática social, é na vida dos homens que é necessário se situar, pois entende-se como prática social a interação do homem com a história, que transforma suas condições objetivas."⁶

O Ensino de Língua estrangeira (LE) não pode desconsiderar as facetas da diversidade, a diversidade cultural, até mesmo dentro na nossa própria cultura. Somos uma sociedade multicultural, o que vale dizer que: "de diversas culturas convivendo com suas diferenças em um mesmo espaço, (...)" (LIMA, 2004, p.183) .Esse fato vem pra sala de aula junto com o aluno, não reconhecer isso é desconsiderar o sujeito, o aluno a sua história, sua forma de ver o mundo, sua práticas sociais.

A contação de estórias contempla as dimensões culturais, lingüísticas, visto que a língua é um produto cultural.Vale considerar que:

[...] Torna-se fundamental que haja uma identificação entre o narrador e o conto narrado, ou seja, antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador; Contar com o coração é algo primordial; Se formos tocados pelas mensagens dos contos e meditarmos a partir deles aprenderemos o que eles querem dizer e talvez seja possível passarmos adiante essa mensagem. [...]
(BUSATTO, 2003, p. 50)

Pode-se contar estórias para:

- Recriar eventos real ou imaginário
- Promover, o exercício do *listening, reading e speaking*⁷
- Partilhar experiências
- Divertir
- Edificar blocos do conhecimento, fundamentadas na memória e no aprendizado
- exercitar a aprendizagem habilidades linguísticas: organização lógica do pensamento, gramática, vocabulário

6 http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=008 visitado em 15.06.09

7 Compreensão auditiva,Leitura e produção oral [TRADUÇÃO NOSSA]

- conhecer novas culturas, e também diferenças entre as nossas, outras identidades

Tem-se questionado o ensino de línguas estrangeiras descolado dos aspectos culturais nelas presente. Seja por despreparo do professor de língua, seja por desinteresse, seja por incompetência ou por falta de leitura de mundo, tal fato, não deve ocorrer de forma alguma. Uma vez que, muitas discussões e produções têm sido feitas no sentido de acrescer dados, favorecer a interação multicultural. De certo, que não é um trabalho fácil, porém por ser desafiador rico e pródigo de benefícios, se bem conduzido.

Como o diálogo acontece: Reflexão e refração e seus efeitos: refratário e reflexivo

Tomando a literatura como expressão artística, visto que ela surge do imaginário e para o imaginário se destina, expandiremos este conceito para sua contação artística. Ou seja, considerando a sua finalidade: segundo Cléo Busatto (2003), “conta-se para encantar e sensibilizar ouvintes, estimular o imaginário, tocar o coração, “alimentar” o espírito e formar leitores.” E ainda, Maria de Lourdes Patrini (2005) “[...] Um contador de histórias deve ler, refletir sobre o seu repertório e as técnicas artísticas, vocais, gestuais, e saber se servir de seu corpo. A condição de contador exige uma reflexão sobre esta arte [...]”, considerando sua forma, refletida, criativa e interativa.

A literatura como prática social se encerra como meio de transito de valores, ensinamentos, trocas, diversão dentre tantos outros elementos presente no humano. Visitamos a física, pedindo-lhe os conceitos de refração e reflexão, numa tentativa de explicar que a literatura pode ter esse dois efeitos no contato com o ser. A transposição dos conceitos para a literatura dá-se da seguinte maneira: Na óptica onde se situam os fenômenos acima citados, tem-se que a refração⁸ é o que acontece com a luz ao penetrar em outro ambiente, então ao passar pela linha d’água, a luz sofre um desvio em sua trajetória, nos dando a impressão irreal de proximidade do fundo de uma piscina, por exemplo. Enquanto que a reflexão⁹ é o que acontece com a luz bate sobre uma superfície sólida, ela volta refletida. A luz branca ao bater em uma superfície reflete a cor da

8 <http://www.seara.ufc.br/tintim/fisica/refracao/tintim10.htm>

9 <http://www.seara.ufc.br/arte/arteciencia.htm>

superfície, visto que a luz branca é a junção de todas as demais cores. Bem, transpondo os conceitos para a literatura e seus efeitos, podemos dizer que a literatura, seja em quais quer de suas formas de apresentação, a literatura pode exercer no indivíduo o efeito de refração, quero dizer, seguir uma trajetória diferente, tocando-lhe a emoção, a cognição, provocando-o a reflexão de eventos, fatos, envolvendo-o com novas experiências, 'aproximando' um ser de outro ser; convidando-o à imaginação. Ou ainda, a literatura, ou a arte literária, pode exercer o efeito de reflexão, de nada despertar, acalantar, ou aprofundar reflexões o que acredito ser quase impossível. O efeito considerado aqui é apenas o de reação superficial, instintiva, quase de aversão. Vemos isso em muitas pessoas que não gostam de ler, ou mal sabem sobre as obras e seus autores, ícones ou marginais.

Conclusão

Tentando concluir digo que desejamos conseguir como resultado em nosso trabalho de extensão:

- Favorecer ludicidade ao ensino de língua;
- Reafirmar práticas pedagógicas mais eficientes e motivadoras para os partícipes do processo;
- Democratizar o ensino de línguas;
- Disseminar novos valores éticos e estéticos a respeito do ensino-aprendizado de línguas;
- Formar professores de língua que trabalhem com literatura multilíngüe;
- Reconhecer na contação um recurso motivacional pródigo de efeitos lingüísticos e culturais;
- Contribuir para a formação docente e discente;
- Favorecer a leitura, reflexão e a propagação do conhecimento;

Retomando o mergulho que experimentei fazer nesse mar de ciências, quero acrescentar à lista acima, também que nossos participantes não sejam mais refratários ao conhecimento de uma nova língua, nem à literatura como expressão artística e necessariamente cultural. Mas, desejamos formar pessoas reflexivas sempre!, marcando

presença no mundo de oportunidades a nós oferecido todos os dias, a fim de que tornemos nosso mundo, interno ou externo, cientificamente artístico, e também artisticamente científico.

REFERÊNCIAS

BHABHA, K. Homi. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureiro, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998

BUSATTO, Cléo. Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

SCHEYERL, Denise e Kátia Mota(org.)Recortes Interculturais na sala de aula de língua estrangeira/ Salvador:EDUFBA:Instituto de Letras Germânicas,2004.337p.

1.http://www.eldrbarry.net/roos/st_defn.htm consultado em 29.05.09

2.<http://reviewing.co.uk/stories/intro.htm> consultado em 29.05.09

3.<http://esl.about.com/od/grammarintermediate/a/sequence.htm> consultado em 29.05.09

4 http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=008 visitado em 15.06.09

5.<http://www.teachingenglish.org.uk/think/articles/story-telling-language-teachers-oldest-technique> consultado em 28.05.09

5.<http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=3734&op=all> em 15.06.09

6.<http://darkwing.uoregon.edu/~leslieob/pizzaz.html>

7.<http://www.seara.ufc.br/tintim/fisica/refracao/tintim10.htm>

8. <http://www.seara.ufc.br/arte/arteciencia.htm>